



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços
N.º 20 – 2005

Santa Teresa do Menino Jesus e a justiça

“Eu vos digo: Se a vossa justiça não superar a dos doutores da Lei e dos fariseus, não entrareis no Reino do Céu” (Mt 5, 20).

Santa Teresa do Menino Jesus foi experimentando ao longo da sua vida “a justiça que vem de Deus”. Ela própria foi julgada por essa justiça e chegou a conclusão que essa justiça nem sempre é a dos homens. Por isso mesmo ela tem uma palavra a dizer aqueles que promovem a justiça e aqueles caem sob a alçada da justiça.

O Povo de Deus nas suas camadas mais pobres sempre ansiou pelo ideal da justiça. A espera foi longa mas não ficou defraudado nas suas esperanças. Apareceu um homem que se chamava Jesus de Nazaré que veio realizar esse ideal. Ele não vem quebrar a cana já fendida, nem apagar a torcida que ainda fumeja. Senta-se à mesa de publicanos e pecadores. Estes aproximam-se dele para O ouvirem, pois gostavam daquilo que ele dizia. Jesus tinha uma linguagem diferente. Os seus conteúdos não eram os habituais. Não fala como os escribas e fariseus. Ele não condena ninguém. Aparece sobretudo como advogado de defesa e não como advogado de acusação. Reconhece o mal feito, o crime cometido, mas vai encontrar motivos, razões para minorar a responsabilidade das pessoas. Ao ser pregado numa cruz Ele é capaz de fazer este pedido: “Pai perdoa-lhes pois eles não sabem o que fazem”. Crucificado entre dois ladrões, para aquele que o olha e lhe pede uma lembrança, Ele diz: “Hoje mesmo estás comigo no paraíso”.

Jesus não está contra a justiça dos homens, somente pede que a superem, ou seja: que unam o amor à justiça, para que façam a justiça com amor. Quando assim acontecer, então a justiça reabilita, salva a pessoa.

Jesus não vem para os sãos, mas para os doentes, para as ovelhas perdidas da casa de Israel. Ele, qual bom samaritano,

enche-se de compaixão por aquele homem que se encontra na berma do caminho, maltratado, ferido, magoado. Trata-lhe as feridas, não só corporais mas também da alma. Feridas físicas, morais, psicológicas... feridas de todo o género. E no fim de tudo, Jesus foi condenado. Injustamente condenado. Ele poderia pedir ao Pai que lhe “enviaria mais de doze legiões de anjos!”, mas não quis. Ali mesmo e naquele momento se poderia desencadear um

movimento de violência, mas Jesus intervém imediatamente: “Mete a tua espada na bainha, pois todos quantos se servirem da espada morrerão à espada”. Ele tinha que ser consequente com a sua doutrina: o amor tem que ir até aos inimigos, até ali onde lhe é arrancada a vida. Jesus responde à violência, ao ódio com o amor, pois só o amor transforma, converte e salva as pessoas.

Foi este amor que Teresa vai experimentando na sua vida, um amor refinado que se chama amor misericordioso. E este amor leva em si a fidelidade e a compaixão. Deus padece e compadece-se do homem por fidelidade a Si mesmo. O seu amor está imbuído de características femininas. Deus é Pai e Mãe. É Pai com coração de mãe. A mãe ama o filho e a ele se entrega não por mandamento, ou porque ele seja bom, mas levada do seu instinto materno. O filho até pode ser um bandido que a mãe tem sempre o coração aberto para o receber. Deus, do mes-

mo modo, ama o homem não porque este seja digno do seu amor, mas por fidelidade a Ele mesmo, para o dignificar.

Como a mãe ama todos os seus filhos, mas se um cai doente, sem faltar com nada aos outros, parece encontrar recursos em si mesma para ao doente amar com um carinho especial, assim também Deus.

Deus ama todos os homens e por todos morreu, mas os pobres ama com um amor de predileção. E os pobres são todos



aqueles com quem Jesus se relacionava e era motivo de escândalo: os pecadores, ladrões, prostitutas, bandidos, publicanos, os rejeitados da sociedade, etc.

Para Jesus o pecado é uma falta de amor e o pecador é um carente afectivo, por isso mesmo deve ser mais amado. Como diz S. João, Ele amou-nos primeiro e fê-lo quando nós éramos seus inimigos.

Foi isto que o filho mais velho da parábola do filho pródigo não entendeu. O Pai não podia deixar de amar e receber o filho pecador, simplesmente porque era filho, tinha saído das suas entranhas. Não está em causa se é bom se é mau. É filho. Se é mau, então, deve ser tratado com mais carinho e ternura, para que se converta.

Esta é a pedagogia divina manifestada em Jesus e que Teresa tão bem compreendeu. Por isso mesmo ela vai oferecer-se à misericórdia divina. Enquanto as suas Irmãs se ofereciam à justiça divina para que Deus descarregasse sobre elas todos os castigos que devia dar aos pecadores pelos seus pecados, Teresa vai oferecer-se como vítima de holocausto ao amor misericordioso. "A mim deu-me a sua *Misericórdia infinita*, e é através dela que contemplo e adoro as demais perfeições divinas. Assim, todas se me apresentam resplandecentes de *amor*. A própria Justiça (e talvez mais ainda que qualquer outra) me parece revestida de *amor*..." (Ms A 83v^o).

O Deus de Teresa não é o Deus castigador e legalista que suscita medo, mas o Deus amor que se encontra bem entre "os filhos dos homens", e amor misericordioso que tem um amor de predilecção pelos pecadores. S. João da Cruz, mestre de Teresa do Menino Jesus, tem um "dito" que sintetiza muito bem a pedagogia de Jesus: "Onde não há amor, põe amor e encontrarás amor". Por isso, Ele amou-nos primeiro.

Teresa sabe que é preciso ser muito puro para aparecer diante de Deus sumamente santo: "Mas também sei que o Senhor é infinitamente justo e esta justiça que assusta tantas almas é a razão da minha alegria e confiança. Ser justo, não é somente exercer a severidade para castigar os culpados, é também reconhecer as intenções rectas e recompensar a virtude. Espero tanto da justiça de Deus como da sua misericórdia. Exactamente por ser justo é que «Ele é compassivo e cheio de doçura, lento para a ira e cheio de misericórdia. Porque conhece a nossa fragilidade, lembra-Se de que não somos senão pó. Como um pai sente ternura pelos filhos, assim o Senhor tem compaixão de nós»... Ó meu irmão, ouvindo estas palavras belas e consoladoras..., como duvidar de que Deus não possa abrir as portas do seu reino aos filhos que O amaram..." (CT 226).

Porque o Deus de Jesus está profundamente comprometido com o homem, Ele manifesta-se amor misericordioso para suscitar em nós sentimentos de confiança. Uma vez que Ele diz: "A minha alegria é fazer-lhes bem", enquanto o homem não confie no seu amor e se abandone à sua acção salvadora, o seu amor está reprimido. Este é o sofrimento de Deus.

Porque Teresa conhece por experiência "o carácter do bom Deus" é capaz de dizer: "Ó Jesus! Se eu pudesse dizer a todas as *pequenas almas* quão inefável é a tua condescendência!... Sinto que, se por um impossível, encontrasses uma alma mais débil, mas fraca do que a minha, deleitar-Te-ias a cumulá-la de favores ainda maiores, se ela se abandonasse com inteira confiança à tua

misericórdia infinita. Mas, porque desejar comunicar os teus segredos de amor, ó Jesus? Não és só Tu a ensinar-mos? E não podes acaso revelá-los a outros? Sim, estou certa disso, e peço-Te que o faças. Suplico-Te que baixes o teu olhar divino sobre um grande número de *pequenas almas*... Suplico-Te que escolhas uma legião de *pequenas* vítimas do teu AMOR!..." (Ms B 5v^o).

O Evangelho de Teresa

Teresa nos seus anos de noviça deu uma volta de 180 graus na visão que tem da vida espiritual. Já não vê a santidade como um troféu sem defeito algum mas considera a santidade como uma comunhão de vida com "Jesus amor". O Jesus que toma pos-



se do coração da jovem noviça é, ao mesmo tempo, um Jesus amante e um Jesus amado.

Teresa não cessa de olhar e amar Jesus. Ela serve-se dos Evangelhos, que leva sobre o seu peito, para conhecer o "carácter do bom Deus", "os traços" divinos e humanos de Jesus (cf. PO 275).

Chegará um momento na sua vida em que o Evangelho será o seu único alimento: "Mas é sobretudo o Evangelho que me vale durante as minhas orações. Nele encontro tudo o que é necessário à minha pobre alminha. Nele descubro sempre novas luzes, sentidos escondidos e misteriosos..." (Ms A 83v).

E em confiança à Madre Inês comunica: "Pela minha parte, já não encontro nada nos livros, excepto no Evangelho. Basta-me

esse livro. Oiço deliciada estas palavras de Jesus que me dizem tudo o que devo fazer: “«Aprende de Mim que sou manso e humilde de coração»; então encontro paz, segundo a sua doce promessa: ... «e achareis descanso para as vossas almas»” (CA 15/5, 3).

Uma vez que Cristo subiu ao Céu, Teresa já não O pode seguir, a não ser pelas marcas, pelos vestígios que Ele deixou. E exclama admirada: “Mas como esses vestígios são luminosos! Como são perfumados! Basta-me lançar o olhar para o santo Evangelho, e respiro os perfumes da vida de Jesus, e sei para que lado correr. Não é para o primeiro lugar, mas para o último que eu corro” (Ms C 36v).

Teresa continua a olhar Jesus com amor e imediatamente saltam à vista os mistérios da vida de Jesus, que vão ser o seu encanto para o resto da vida: a encarnação e a paixão, sem esquecer a sua presença na Eucaristia.

Mas a pessoa de Jesus não se esgota nestes mistérios. Há outras passagens da vida de Jesus que a encantam sobremaneira: o diálogo com a Samaritana, a permanência na casa dos amigos de Betânia, o banquete na casa de Zaqueu. O encontro com a Madalena fascina-a: “Quando vejo a Madalena avançar na presença de numerosos convidados, banhar com as suas lágrimas os pés do Mestre adorado que toca pela primeira vez, sinto que o coração dela compreendeu os abismos de amor e de misericórdia do Coração de Jesus, e que, por muito pecadora que seja, este Coração de amor está não só disposto a perdoar-lhe, mas ainda a prodigalizar-lhe benefícios da sua intimidade divina, a elevá-la até aos mais altos cumes da contemplação” (CT 247, ao P. Bellière).

O Presépio, o Calvário e a Eucaristia são os momentos altos da vida de “Jesus da pobre Teresa”. Todos dizem o mesmo e apontam para um amor sem limites:

“Tu ouviste-me, único Amigo que eu amo
Para me encantares o coração, fazendo-Te mortal
Derramaste o teu sangue, mistério supremo!...
E continuas a viver por mim no Altar” (PN 23).

Para além da Eucaristia, Jesus já não se pode abaixar mais. Na Eucaristia é a humildade em pessoa: “O Meu Bem-amado, que doce e humilde de coração me apareceis sob o véu da branca hóstia! Para me ensinar a humildade não podeis abaixar-Vos mais, por isso quero, para corresponder ao vosso amor, desejar que as minhas Irmãs me deixem sempre no último lugar e convencer-me que este lugar é o meu” (O 20).

Na Eucaristia o seu amor chega ao limite:

“Escondido na Eucaristia
Vejo o Deus Todo-Poderoso
Vejo o Autor da vida
Mais pequenino do que uma criança!...” (RP 2, 5r).

Quando a espiritualidade jansenista da época, ao considerar estes mistérios da vida de Jesus, não visava outra coisa que acentuar a monstruosidade do pecado do homem e a ira divina, Teresa contempla-os e não vê outra coisa que a loucura do amor divino. Arrebatada por este amor escreve numa imagem que pinta para o seu filho espiritual, P. Bellière: “Não posso temer um Deus que se fez tão pequeno por mim... amo-O!... Porque Ele é só amor e misericórdia” (CT 266).

Teresa tem o seu pai muito doente. Esta doença do pai é motivo de grandes sofrimentos para toda a família. Teresa – como

para ela tudo é sacramental, tudo lhe fala de Jesus – contempla no rosto do pai a face adorável de Jesus. Escreve a Celina, sua irmã que cuida do pai, e convida-a a contemplar o Senhor no caminho doloroso: “Para ser esposa de Jesus, é necessário parecer-se com Jesus, Jesus está todo ensanguentado, está corado de espinhos!... [...] Jesus arde de amor por nós... Contempla a sua Face adorável!... Vê esses olhos apagados e baixos!... Vê essas feridas... Contempla Jesus na sua Face... Aí verás como Ele nos ama” (CT 87).

«É próprio do amor abaixar-se»

Quando estudei teologia e concretamente o tratado “De Jesus Redentor”, punha-se o problema: porque é que o Verbo de Deus encarnou? E aqui dividiam-se as opiniões. Os tomistas diziam: o Verbo de Deus encarnou, porque o homem pecou e desta maneira vem remi-lo do pecado. Os escotistas, por sua vez, afirmavam: mesmo que o homem não tivesse pecado o Verbo de Deus teria encarnado.

Teresa do Menino Jesus está entre estes últimos, não porque conheça as suas razões, mas por ter seguido S. João da Cruz. Este seu mestre, numa das suas poesias “No princípio era o Verbo” apresenta o Pai num eterno diálogo com o Filho. E nesse diálogo o Pai apresenta ao Filho a possibilidade da encarnação. E a razão que apresenta é esta:

“Pois nos amores perfeitos
Esta lei se requeria,
Que se torne semelhante
O amante a quem queria
Porque a maior semelhança
Mais deleite caberia” (PN 6).

É certo que Deus criou o homem à sua imagem “mas é diferente na carne, que em teu simples ser não havia” (ib). A encarnação do Verbo nasce da necessidade do “amor perfeito”.

É natural que Teresa do Menino Jesus esteja influenciada pelo seu mestre. Ela tem uma frase que sintetiza todo um tratado de Cristo Redentor: “É próprio do amor abaixar-se”. Esta frase aparece várias vezes (24 vezes) nos escritos dos últimos anos de Teresa. E uma vez que a repete várias vezes não a terá escrito irreflectidamente. Para ela este gesto de “abaixar-se” é o que caracteriza o amor autêntico, aquele que Deus nos tem. É assim que Teresa o percebe: “Para que o Amor fique plenamente satisfeito, é preciso que Ele se abaixe até ao nada, e transforme esse nada em fogo...” (Ms B 3v).

Para Teresa, a encarnação do Verbo não só corresponde a uma necessidade intrínseca do amor, mas também a um desejo seu. Teresa tem necessidade deste abaixamento de Deus:

“Preciso de um coração ardente de ternura
que me dê a sua força sem reserva,
que ame tudo em mim, mesmo a minha fraqueza...
Que nunca me abandone de noite, nem de dia...
Preciso de um Deus que se revista da mesma natureza,
Que se torne meu irmão e possa sofrer” (PN 23).

Experiência do nada

E porque é próprio do amor abaixar-se “Jesus vai permanecer, até ao fim dos tempos, nesta atitude de abaixamento na Eucaristia. Teresa fala muitas vezes de loucura a propósito do amor de Deus e as principais loucuras são: a encarnação, a sua paixão e morte e a Eucaristia.

Se Jesus permanece neste estado de abaixamento na Eucaristia Teresa tira daqui as suas conclusões. Se Ele se fez pequeno e pobre com os pobres, e nisto manifesta a grandeza do seu amor, Teresa vai permanecer sempre pobre e pequena para que o amor de Jesus se manifeste em toda a sua grandeza.

Ela escreve a sua irmã Leónia e diz-lhe: “Regozijei-me por ser pobre, desejei sê-lo cada vez mais para que Jesus tenha mais gosto em brincar comigo” (CT 176). E a sua prima Irmã Maria da Trindade manifesta-lhe este chamamento de Deus: “Deus vos chama a serdes uma grande santa embora permanecendo pequenina e sendo cada dia mais” (CT 242). E a sua irmã Leónia faz-lhe um pedido: “Pede-lhe [ao Menino Jesus] que eu fique sempre muito pequenina!...” (CT 154).

A perfeição para ela não significa subir, mas descer. É verdade que Jesus é o “ascensor”, mas o ascensor também serve para descer. Se Deus desceu em Jesus é necessário que nós O esperemos em baixo. Isto quer dizer aceitar o ser e permanecer sempre pequenos, simples e incapazes de subir. Teresa logo que começou a vislumbrar este proceder de Deus aprendeu a lição. Por isso escreve a sua irmã Celina e diz-lhe: “Para ser d’Ele é preciso ser pequeno como uma gota de orvalho!... Oh! Como há poucas almas que aspirem a ficar pequenas!...” (CT 141).

Esta é uma preocupação dos últimos anos da sua vida. Quando escreve a pessoas que a podem compreender assina: “a pequeníssima” ou “a pequena Teresa”. Ela chega a convencer-se que “o que lhe agrada [a Deus] é ver-me amar a minha pequenez e a minha pobreza, é a esperança que tenho na misericórdia... Eis o meu único tesouro” (CT 197)

Para Teresa o caminho a trilhar é o de crescer na pequenez. Não só faz falta ser pequeno mas fazer-se cada dia mais pequeno para o poder ser. Ela pede a sua irmã Maria: “Rezai para que... seja sempre um grãozinho de areia muito obscuro, muito escondido de todos os olhares, que só Jesus possa vê-lo; que se torne cada vez mais pequeno, que seja reduzido a nada...” (CT 49).

E meses mais tarde escreve a sua irmã Inês e faz-lhe o mesmo pedido: “Rezai para que o grão de areia se transforme num ÁTOMO só perceptível aos olhos de Jesus!...” (CT 74).

Jesus ouviu estas orações e satisfaz-lhe este desejo. Fê-la passar pela noite do nada. Levou-a a descer até onde Ele desceu. Uma vez que a sua vocação era o amor, e “é próprio do amor abaixar-se” Teresa faz a mesma experiência de Jesus. Desceu a um mundo tenebroso em que as “trevas” se negam a receber a “luz”.

Teresa queria crescer na pequenez, fazer-se cada vez mais pequena. Queria ser pobre e cada vez mais pobre porque Jesus fez-se pobre e chegou na sua pobreza até ao pobre mais pobre, para que, desta maneira, ninguém se considerasse fora do âmbito da sua acção amorosa. Para com os pobres, os miseráveis e os fracos Ele tem uma predilecção especial. Teresa sabe-o por experiência. Por isso mesmo pedia às suas irmãs que rezassem para que ela fosse sempre “um grãozinho de areia”, que se tornasse cada vez mais pequena até ser “reduzida a nada”.

Talvez Teresa não tivesse um perfeito conhecimento do desejo de pobreza, de pequenez que a animava. Até onde poderia chegar a experiência do ser “reduzida a nada”?



Os místicos e os existencialistas, até mesmo os ateus, podem ter experiências semelhantes, embora de sinal contrário. O amor divino e o amor humano podem falar a mesma linguagem. O ateu, o existencialista podem ler os místicos, o que é frequente, porque existe algo de comum entre eles. São companheiros de viagem até certo ponto. Enquanto que uns na escuridão da noite caem no “desespero humano”, na “náusea do viver”, no “sentimento trágico da vida”, outros na escuridão da noite clamam e gritam. E quem na escuridão da noite clama e grita é porque acredita que existe alguém para além dele que é a razão do seu existir. O místico reza com o salmista: “Do profundo abismo clamo por vós, Senhor”.

Se há uma pobreza e fragilidade moral, há também uma pobreza radical, uma pobreza ontológica. Aqui o homem experimenta a sua contingência, vê que se desfaz e derrete, que não tem consistência em si mesmo, sente tremor e temor. O homem

«Ardei de amor, alma encantada
Um Deus por vós fez-se mortal
Oh! mistério inefável
Quem vos pede esmola
É o verbo eterno.»

pendente de Deus é um ser divino, separado de Deus é como a erva do telhado ou como o sopro da brisa. É esta experiência que Teresa vai fazer no fim da sua vida.

Pela experiência que está a fazer de Deus amor, não lhe passa pela cabeça que pudesse haver pessoas que negassem a existência de Deus. Pensava que falassem só da boca para fora: “Não podia crer que houvesse ímpios que não tivessem fé. Julgava que falavam ao contrário do que pensavam ao negarem a existência do Céu, do belo Céu onde o próprio Deus queria ser a sua recompensa eterna” (Ms C 5v). Mas, “nos dias tão alegres do tempo pascal, Jesus fez-me compreender que há verdadeiramente almas que não têm fé” (Ms C 5v).

Anos antes, densas trevas obscurecem o mundo da sua fé e esperança: “Tinha então grandes provações interiores de todas as espécies (até me interrogar, por vezes, se haveria Céu)”. Pelo encontro que manteve com o P. Prou, as trevas desapareceram do seu horizonte: “Depois de ter dito umas poucas palavras, fui compreendida de uma maneira maravilhosa, e até *adivinhada*... A minha alma era como um livro, no qual o Padre lia melhor que eu mesma... Lançou-me a todo o pano sobre as ondas da *confiança* e do *amor*, que me atraíam com tanta força, mas sobre as quais não me atrevia a navegar...” (Ms A 80v).

Estas dúvidas de fé não são outra coisa que pequenas escaramuças comparadas com o que está para chegar, a “noite do nada” e que ela passa no fim da sua vida. Tudo parece desabar. Na outra margem não divisa nada. O amor parece ter perdido a razão do seu existir. Deus “Permitiu que a minha alma fosse invadida pelas mais espessas trevas e que o pensamento do Céu, tão deleitoso para mim, não fosse senão motivo de combate e de angústia...” (Ms C 5v).

Teresa não encontra palavras para fazer compreender à Madre Gonzaga o que nela está a acontecer: “Gostaria de ser capaz de exprimir o que sinto, mas, pobre de mim! Penso ser impossível. É preciso ter viajado através deste sombrio túnel para lhe compreender a obscuridade” (Ms C 5v).

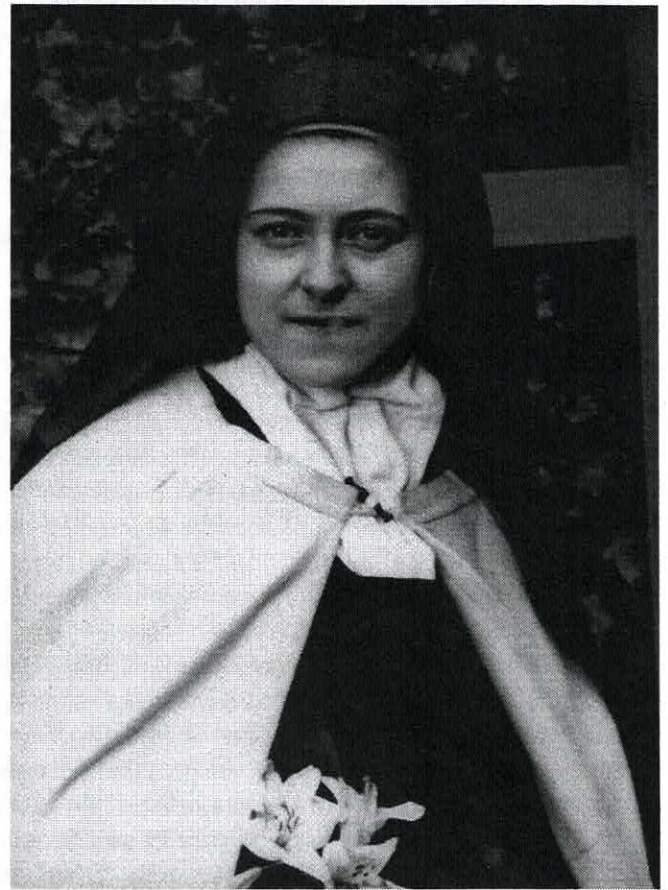
Teresa não tem palavras para exprimir a sua angústia. Perante a incapacidade da linguagem, vai recorrer à imagem: “Imagino que nasci num país coberto por um espesso nevoeiro, e que nunca contemplei o risonho aspecto da natureza inundada, transfigurada pelo sol brilhante. É verdade que desde a minha infância ouço falar dessas maravilhas; sei que o país onde estou não é a minha pátria, que há outro, pelo qual devo aspirar sem cessar” (Ms C 5v).

“Mas, de repente, os nevoeiros que me rodeiam tornam-se mais densos, penetram-me na alma, e envolvem-na de tal maneira, que já não é possível encontrar nela a imagem tão aprazível da minha pátria. Tudo desapareceu! Quando quero repousar o meu coração fatigado das trevas que o envolvem, com a lembrança do país luminoso, pelo qual aspiro, o meu tormento redobra. Parece-me que as trevas, servindo-se da voz dos pecadores, me dizem, fazendo troça de mim: — «Sonhas com a luz, com uma pátria inundada dos mais suaves perfumes..., sonhas com a posse *eterna* do Criador de todas estas maravilhas..., pensas sair um dia dos nevoeiros que te rodeiam... Continua! Continua! Alegra-te com a morte, que te dará, não o que tu esperas, mas uma noite mais profunda ainda, a noite do nada» (Ms C 6v).

“Caríssima Madre, a imagem que vos quis dar das trevas que obscurecem a minha alma é tão imperfeita como um esboço

comparado com o modelo. No entanto, não quero escrever mais sobre isso; temeria blasfemar. Até receio ter dito demais...” (Ms C 7r).

Teresa do Menino Jesus encontra-se sentada à mesa dos incrédulos e pecadores e solidária com eles, eleva ao céu a oração do publicano: “Senhor, a vossa filha compreendeu a vossa divina Luz. Pede-Vos perdão para os seus irmãos e aceita comer por quanto tempo quiserdes o pão da dor, e de maneira nenhuma se quer levantar desta mesa cheia de amargura, à qual comem os pobres pecadores, antes do dia que vós destinastes... Acaso não poderá dizer-vos em nome dela e em nome dos seus irmãos: Tende piedade de nós, Senhor, porque somos pobres pecadores!... Oh! Senhor, despedi-nos justificados! Que todos aqueles que não foram iluminados pelo resplandecente facho da fé, o vejam finalmente brilhar. Ó Jesus, se é preciso que a mesa manchada por eles seja purificada por uma alma que Vos ama, quero aí comer sozinha o pão da provação, até que Vos agrade introduzir-me no vosso reino luminoso. A única graça que Vos peço, é a de nunca Vos ofender!...” (Ms C 6r).



Teresa não rejeita a luta

Esta provação não é de horas, nem de dias. “Este tormento não devia durar alguns dias, algumas semanas; devia apenas acabar na hora marcada por Deus..., e essa hora ainda não chegou...” (Ms C 5v). Perante a situação, Teresa não se retrai. Ela é neta de militares e pelas suas veias corre sangue do bravo soldado: “quando o meu inimigo me vem provocar, porto-me com bravura. Sabendo que é cobardia bater-se em duelo, volto as costas ao adversário, sem me dignar olhá-lo de frente; mas corro para o meu Jesus, e digo-Lhe que estou pronta a derramar o sangue até à última gota para confessar que o Céu existe” (Ms C 7r).

A jovem Teresa, embora debilitada fisicamente pela doença, tem o moral preparado para enfrentar todas as provações. Para

a profissão de uma das suas noviças compõe uma poesia que intitula: "As minhas armas". A última estrofe do poema reza assim:

"A sorrir enfrento os combates
E nos teus braços, ó meu Esposo Divino
Cantando morrerei, no campo de batalha
De Armas na mão!..." (PN 48).

Teresa sabe que a justificação não vem pelas obras, mas pela fé. Contudo a fé sem as obras está morta, por isso apela à verdade das obras. Quando a fé parece extinguir-se aparece com mais força o dinamismo cristão. Para ela o importante é a verdade dos factos: "Ele sabe bem que, embora não tendo o gozo da Fé, procuro, pelo menos realizar as obras dela. Creio ter feito mais actos de fé de há um ano para cá, do que durante toda a minha vida" (Ms C 7r).

A vida de Teresa é um canto da fé em acção, é o cristianismo vivido ao máximo na gratuidade do amor. Para Teresa, o amor não é sentimento, embora muitas vezes vá dele acompanhado, mas nem sempre isso acontece, como no seu caso. "O amor não devia consistir nos sentimentos, mas nas obras" (Ms C 13v).

Poucos dias antes da sua morte, confidencia à sua irmã, a Madre Inês: "Ó minha Madre, é muito fácil escrever lindas coisas sobre o sofrimento, mas escrever não significa nada, nada! É preciso passar por ele para saber como é!..." (CA 25 / 09 / 2).

O Deus de Teresa

O Deus de Teresa, Aquele em quem ela acreditava e que configura a sua pessoa e vida era o Deus da bondade e da ternura. Era o seu Pai. Ela teve enorme admiração e veneração pelo seu pai Luís. Em linguagem popular, podemos dizer que ela adorava o seu pai. Por isso mesmo, não foi difícil para ela captar a profundidade da revelação divina e os ensinamentos de Jesus acerca da paternidade divina, dum Deus cheio de bondade e ternura. Teresa era muito sensível a estas qualidades da bondade e da ternura. Quando nos refere a cura da sua "doença estranha", pela Virgem do Sorriso, é capaz de dizer: "A Santíssima Virgem pareceu-me bela, tão bela como nunca vira nada tão belo: o seu rosto irradiava uma bondade e uma ternura inefáveis" (Ms A 30r).

A bondade e ternura de Nossa Senhora foi para Teresa o reflexo da bondade e ternura de Deus para com Ela: "Como Deus é bom para comigo" (CT 178); "Deus é cheio de delicadezas" (CT 155). Apesar de ser tão provada pelo sofrimento, é capaz de escrever ao P. Bellière e dizer: "Ah! meu Irmão, como a bondade, o amor misericordioso de Jesus são pouco conhecidos!..." (CT 161).

É precisamente esta a missão de Teresa: dar a conhecer a bondade e o amor misericordioso de Jesus. Ela gostava de ser sacerdote para ler a Bíblia na língua original. Tantas diferenças de tradução entristeciam-na. "Se eu tivesse sido sacerdote, tinha aprendido o hebreu e o grego, não me tinha contentado com o latim: assim, teria conhecido o verdadeiro texto ditado pelo Espírito Santo" (CA 4 / 8). Teresa ter-se-ia encontrado com essas palavras hebraicas *hésed* e *rahamin* que se usam para designar a misericórdia de Deus para com o seu povo, uma atitude profunda

e inesgotável de bondade, e sobretudo, ter-se-ia encontrado com a ternura de Deus para com as suas criaturas, semelhante à ternura das mães para com o fruto da sua carne.

Teresa conhece e menciona os textos de Isaías mais expressivos acerca do modo de ser e de amar de Deus: "Pode uma mãe esquecer o seu filho?... Pois bem! mesmo que uma mãe esquecesse o seu filho, Eu nunca vos esquecerei" (CT 191); "Como uma mãe acaricia o seu filho, assim Eu vos consolarei; levar-vos-ei ao colo e embalar-vos-ei nos meus joelhos" (Ms C 3r). Estas palavras do profeta Isaías impressionaram-na profundamente: "Nunca palavras tão ternas e melodiosas me vieram alegrar a alma" (*ib.*). estas palavras mudaram o seu rumo de vida e descobriram-lhe o "caminho rápido e direito": "O ascensor que me há-de elevar até ao Céu, são os vossos braços, ó Jesus" (*ib.*).

JE SUIS LE JESUS DE THERESE ...



SI QUELQU'UN
EST TOUT PETIT QU'IL VIENNE A MOI

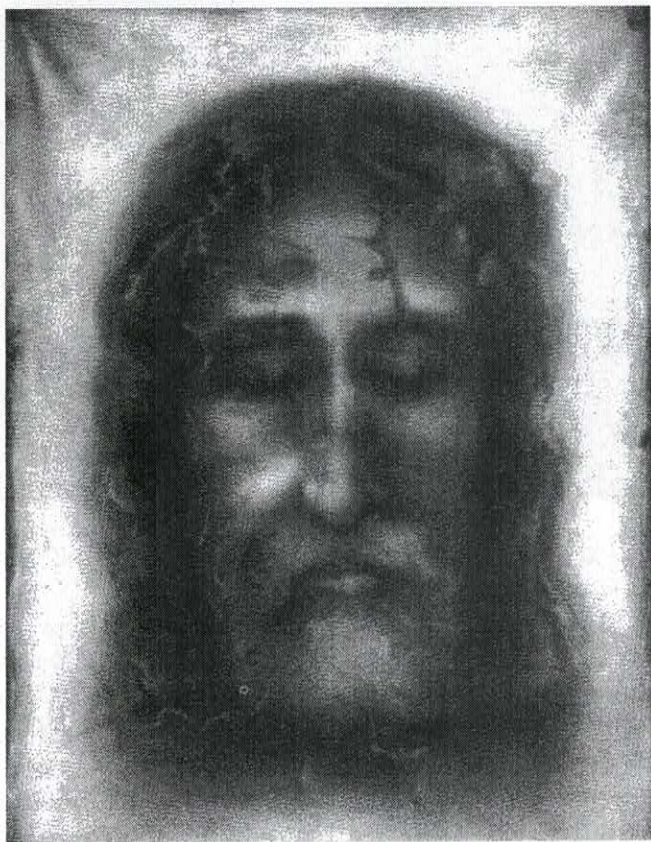
Teresa está convencida — convicção nascida dum "conhecimento impresso nas entranhas" —, que Deus é terno e carinhoso: "Sentia bem no íntimo que era verdade porque Deus é mais terno que uma mãe" (Ms A 80v).

O Deus com quem Teresa vive e convive é assim, o Deus da bondade e da ternura, simplesmente ... seu Pai, o *Abba* de Jesus. Todos os mestres em Israel tinham uma oração própria na qual resumiam toda a sua pregação. João Baptista também ensinou os seus discípulos a rezar. Os discípulos também pediram a Jesus uma oração e Jesus responde com a oração do Pai nosso. A paternidade de Deus é o tema central da pregação de Jesus. Jesus manifesta a sua filiação divina falando a Deus Pai, e invocando-o como *Abba*, como, Papá-Paizinho. Para encontrar o caminho do

reino de Deus é preciso aceitar a confiança e abandono contidos na palavra *Abba*. Ele deu-nos o seu mesmo Espírito que dentro de nós clama: *Abba*, Papá. Era esta a fé que alimentava a confiança e o abandono de Teresa no seu Deus Pai.

Teresa tem uma frase que sintetiza todo um tratado de Cristo Redentor: “É próprio do amor abaixar-se”. Esta frase não foi escrita duma maneira irreflectida uma vez que aparece 24 vezes nos escritos dos últimos anos de Teresa. Para ela este gesto de “abaixar-se” é o que caracteriza o amor autêntico, aquele que Deus nos tem. É assim que Teresa o percebe: “Para que o Amor fique plenamente satisfeito, é preciso que Ele se abaixe até ao nada, e transforme esse nada em fogo...” (Ms B 3v).

Deus enviou-nos o seu Filho que vem até nós para nos revelar o seu amor e para nos introduzir na sua intimidade. Deus entrou na vida de Teresa e toma um nome: Jesus. O Deus de Teresa



é Jesus. E é este Jesus que a vai instruindo: “Porque eu era pequena e fraca, Ele abaixava-se para mim e instruí-me em segredo sobre as coisas do seu amor” (Ms A 49r). Jesus ensina-a “sem ruído de palavras”; Ele guia-a e inspira-a “a cada instante o que devo dizer ou fazer”. Não é tanto durante a oração que Ele se manifesta: “a maior parte das vezes é no meio das ocupações do dia” (Ms A 83v).

Jesus revela o Pai como amor misericordioso, um amor activo, que se fundamenta, não na bondade de seus filhos, mas em Si mesmo. A misericórdia revelada a Teresa encontra-se na confluência de duas correntes de pensamento: a fidelidade e a compaixão. Deus por fidelidade a si mesmo não pode deixar de amar o homem. Aqui a misericórdia toma características femininas. A mãe cuida do seu filho, não porque existe um mandamento, mas pelo instinto materno. O filho até pode ser um ladrão, um bandido que a mãe tem sempre o seu coração aberto para o receber. Assim é

Deus para com o homem. A mãe ama todos os seus filhos, mas se um cai doente, parece encontrar em si recursos para, sem deixar de amar os outros, tratar o doente com mais carinho e ternura. Muitas vezes os filhos têm que passar pela doença para experimentarem a ternura da mãe. Deus é assim mesmo: ama todos os homens, mas os doentes trata com um carinho especial. E os doentes são os pobres, os pecadores de todo o género. Os pecadores são os predilectos de Deus, porque carentes de amor.

A Teresa, parece muito normal, que Deus-Amor ame com um amor fora do normal as criaturas pobres, débeis, pecadoras, insignificantes. É precisamente isto que a incita a oferecer-se como vítima ao amor misericordioso: “Não passo de uma criança impotente e fraca. Contudo, é a minha própria fraqueza que me dá a audácia para me oferecer como *vítima ao teu Amor, ó Jesus!* ... e o Amor escolheu-me como holocausto, a mim, fraca e imperfeita criatura ... Não é tal escolha digna do Amor? ... Sim. Para que o Amor fique plenamente satisfeito, é preciso que Ele se abaixe até ao nada, e transforme esse nada em *fogo* ...” (Ms B 3v°).

O que mais toca o coração de Teresa é o amor misericordioso de Deus, o amor do Pai que procura o filho pródigo, porque está doente ou é pecador. Se Teresa não se entregou ao amor das criaturas não foi por mérito algum da sua parte, ela assim o reconhece: “Fui preservada dele pela grande misericórdia de Deus! ...” (Ms A 38v°).

O amor misericordioso é amor curativo, perdoa ao pecador, é amor misericordioso preventivo preserva o pecador impedindo-o de cair no pecado e é amor unitivo. Por este amor o homem é introduzido na comunidade, na família de Deus. O amor misericordioso é muito mais sublime que o perdão dos pecados. O médico pode curar o doente sem manter com ele uma relação de amizade pessoal. Este não é o médico divino. “O Jesus da pobre Teresa” baixa até ao homem e brinda-o com o seu amor e amizade: “está não só disposto a perdoar-lhe, mas ainda a prodigalizar-lhe os benefícios da sua intimidade divina” (CT 247). Quer fazer de nós os seus íntimos, “os seus amigos, os seus irmãos” (cf. Ms C 12r).

A sua irmã Celina, que aos 25 anos queria ingressar também no Carmelo, sofrendo a oposição dos primos — apelidada de tudo: louca, ingrata, preguiçosa —, Teresa escreve animando-a: “Que felicidade sofrer por aquele que nos ama até à *loucura* e passar por *loucas* aos olhos do mundo. Julgam-se os outros por si mesmo, e como o mundo é insensato pensa naturalmente que as insensatas somos nós!...”. Ela aconselha-a a olhar para Jesus. Ele também foi declarado louco por Herodes, e continua: “Sim era *loucura* procurar os pobres coraçõezitos dos mortais para deles fazer seus *tronos*, Ele o Rei de Glória que está sentado sobre os querubins... Ele a quem nem os céus podem conter... Estava *louco* o nosso Bem-amado ao vir à terra procurar pecadores para deles fazer os seus amigos, os seus íntimos, os seus *semelhantes*, Ele que era perfeitamente feliz com as duas pessoas adoráveis da Trindade!... Nunca poderemos fazer por Ele as *loucuras* que fez por nós, e as nossas acções não merecem este nome, porque são apenas actos muito razoáveis e muito abaixo daquilo que o nosso amor queria realizar” (CT 169).

“O Jesus da pobre Teresa” passa a ser o pobre Jesus da pobre Teresa. Ele quer viver em nós e conosco, procura a nossa intimidade. Ele não força, não se impõe. Faz-se débil, como um pobre que vai mendigando de porta em porta amor e intimidade para viver numa “verdadeira permuta de amor” (Ms A 46v). Tere-

sa gosta de o apelidar de “o Mendigo do Amor”, “o Prisioneiro do Amor”.

Teresa escreve a sua irmã Celina e recomenda: “Faz-Se [Jesus] pobre para que possamos dar-lhe esmola, estende-nos a mão como um *mendigo* para que no dia radioso do juízo, quando aparecer na sua glória, possa fazer-nos ouvir estas doces palavras: «Vinde, benditos de meu Pai, porque tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber, não tinha onde dormir e destes-Me um abrigo, estava preso, doente e socorrestes-Me.» Foi o próprio Jesus que pronunciou estas palavras, é Ele que quer o nosso amor, que o *mendiga*... Põe-Se, por assim dizer, à nossa mercê, não quer tomar nada sem Lho darmos, e a mais pequena coisa é preciosa aos seus olhos divinos...” (CT 145).

O pedido de Jesus à Samaritana, “dá-me de beber” ressoa no mais profundo do coração de Teresa: “Ao dizer: «Dá-me de beber», era o *amor* da sua pobre criatura que o Criador do universo reclamava. Tinha sede de amor... Ah! sinto mais do que nunca que Jesus está *sedento*. Não encontra senão ingratos e indiferentes entre os discípulos do mundo; e entre os seus *próprios discípulos* encontra, infelizmente, poucos corações que a Ele se entreguem sem reserva, que compreendam toda a ternura do seu Amor infinito” (Ms B 1v).

E o grito angustiante de Jesus na agonia, “tenho sede”, “ressoava também continuamente no meu coração. Estas palavras acendiam em mim um ardor desconhecido e muito vivo... Queria dar de beber ao meu Bem-Amado, e sentia-me eu mesma devorada pela *sede de almas*...” (Ms A 45v).

Teresa tem sede do amor de Jesus, mas Jesus também tem sede do amor de Teresa. A “sede de amor” é mútua.

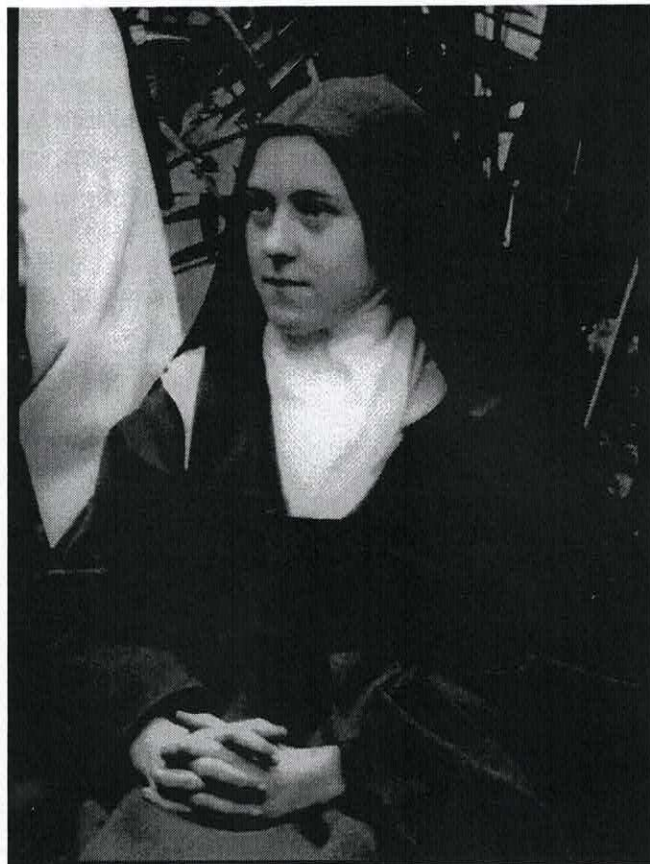
O Pequeno Caminho

Durante muito tempo os teólogos entretinham-se em descobrir que tipo de pecado foi o cometido por Adão e Eva. E havia propostas para todos os gostos. “Quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Nunca o deveis comer, nem sequer tocar nele, pois, se o fizerdes, morrereis’. A serpente retorquiu à mulher: ‘Não, não morrereis; porque Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal’” (Gn 3, 3-5).

O homem parece ver em Deus um seu rival, que se aproveita do acontecimento da morte para o ter sob o seu domínio, e diz não a Deus. Vemos que o pecado tem por detrás uma falta de confiança em Deus. Porque o homem desconfia de Deus desobedece. A partir daqui, Deus vai realizar sinais e prodígios, coisas maravilhosas em favor do homem; vai de muitas e diversas maneiras, valendo-se de muitas imagens tiradas da vida familiar e social, convencer o homem de quanto o ama e o quer, para conquistar a confiança perdida e deste modo conseguir que o homem a Ele se abandone.

Esta foi a pedagogia divina que aparece ao longo de toda a história sagrada; a pedagogia que Deus usou com Santa Teresinha do Menino Jesus e que ela seguiu com as suas noviças e com os seus discípulos. Deus foi-se revelando na sua vida como” amor, amor misericordioso, amor que se abaixa, perdoa e purifica, para

suscitar nela uma reacção lógica: fé no amor. Na fé encontramos sempre duas vertentes: uma vertente descendente e outra ascendente. Deus que vem ao encontro do homem e este que se deixa encontrar por Deus. Deus que lhe apresenta um projecto de salvação, um desígnio de amor e o homem que acolhe e respon-



de. “Pai, porque me abandonaste?”, interpelação do Pai; “Nas tuas mãos entrego a minha vida”, resposta de Jesus.

A resposta de Teresa nunca se compreenderá bem se não temos presente a proposta que Deus lhe vai fazendo ao longo da sua curta existência. A Deus que em Jesus se manifesta amor, com uma predilecção especial pelos pequenos, pobres e pecadores, Teresa responde, aceitando a sua pequenez, a sua pobreza, desejando ser cada vez mais pequena e pobre para desta maneira atrair as predilecções de Deus: “O que agrada a Deus, é ver-me amar a minha pequenez e a minha pobreza, a esperança cega que tenho na sua misericórdia” (CT 197).

Teresa ao longo dos seus escritos vai falando do “caminho”, do “pequeno caminho”, até que um dia, já no fim da sua vida, a Madre Inês a interroga acerca desse caminho. Numa conversa havida entre as duas, Teresa dizia: “Sinto que vou entrar no repouso... mas sinto sobretudo que a minha missão vai começar, a missão de fazer amar a Deus como eu o amo, de dar às almas o meu pequeno caminho” (CA 17/7).. E a Madre Inês pede-lhe que lhe explicasse o caminho que ela dizia querer ensinar às almas, depois da sua morte. Ao que Teresa responde: - “Minha Madre, é o caminho da infância espiritual, é o caminho da confiança e do total abandono. Quero ensinar-lhes os pequenos meios que resultaram comigo tão perfeitamente, dizer-lhes que há só uma coisa a fazer cá na terra: lançar a Jesus as flores dos pequenos sacrifícios, conquistá-l’O pela ternura; foi assim que eu O conquisei, e é por isso que serei tão bem recebida” (CA Julho).

A espiritualidade de Santa Teresa do Menino Jesus é iminentemente teológica. E nela as três virtudes teológicas, distintas e inseparáveis, prestam-se mútua ajuda. Nela a vida de fé só se desenvolve plenamente com o ímpeto da esperança e sob o impulso vivificante do amor. Por sua vez, a confiança em Deus, baseando-se nas promessas da fé e nas experiências da caridade, permite-lhe tender, com o máximo de certeza para a união com Deus. O próprio amor necessita das luzes da fé e das asas da esperança, para se elevar até Deus.

Teresa viveu de fé. Para ela a fé no amor joga um papel fundamental na nossa vida espiritual. “Sem a fé no amor o desejo de Deus secaria na alma, como a planta numa terra pouco profunda”. “Eu sei em quem acredito”, dirá ela. Este saber não é um conhecimento simplesmente intelectual, mas um saber por experiência, um conhecimento, como diria Santa Teresa de Jesus, “impresso nas entranhas”. Teresa deixou-se tomar, toda ela, pelo amor misericordioso de Deus.

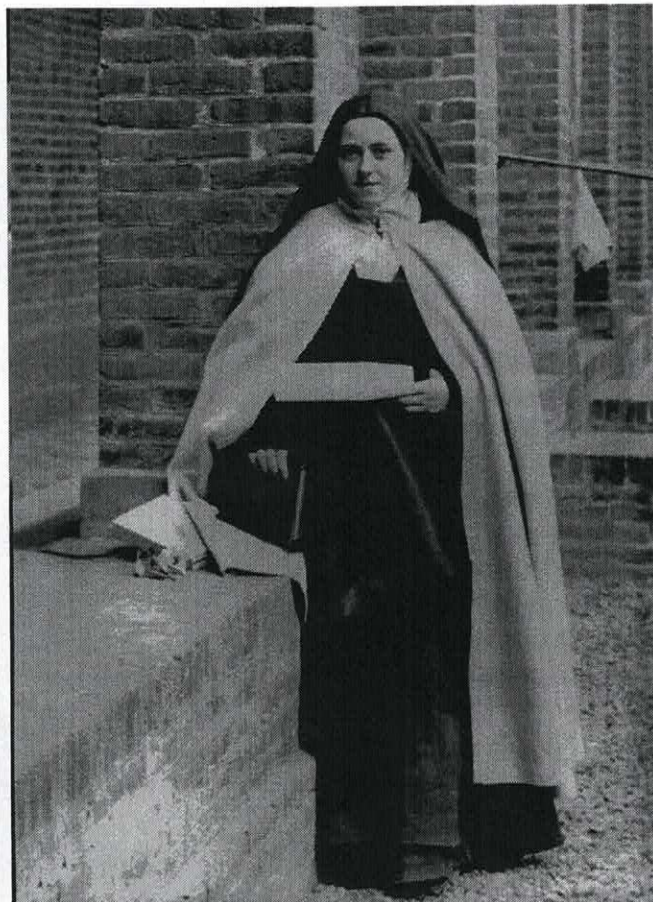
Esta fé leva-a a confiar plenamente na misericórdia do Senhor. Para Teresa do Menino Jesus a santidade consiste na confiança: “Oh! Não é isso! A santidade não consiste nesta ou naquela prática, é mais uma disposição do coração que nos faz humildes e pequenos nos braços de Deus, conscientes da nossa fragilidade, e confiantes, até à ousadia, na sua bondade de Pai” (CA 3 / 8).

Teresa, apesar de confessar que desde a idade dos três anos nunca recusou nada ao Senhor, experimentou a sua miséria e fraqueza, mas nem por isso deixou de confiar na misericórdia do Senhor. Encontrava-se num período da sua vida muito complicado. Tinha dificuldades interiores de toda a espécie até se interrogar, por vezes, se o Céu existia. O retiro da comunidade, que para ela era um verdadeiro sofrimento, estava a decorrer. Chegou o momento de se abeirar do sacerdote: “Sentia-me disposta a não dizer nada acerca das minhas disposições íntimas, por não saber como as exprimir, mas apenas entrei no confessional senti a minha alma dilatar-se. Mal tinha dito algumas palavras, fui maravilhosamente compreendida e mesmo *adivinhada*... a minha alma era como um livro em que o Padre lia melhor do que eu mesma... Lançou-me a toda a vela nas vagas da *confiança* e do amor que tão fervorosamente me atraíam e para as quais não ousava avançar... Disse-me que *as minhas faltas não contristavam* a Deus, *que estando em seu lugar, me afirmava da sua parte* que Ele estava muito contente comigo...

Oh! Quanto me senti feliz ao ouvir estas consoladoras palavras!... Nunca tinha ouvido dizer que as faltas podiam *não contristar a Deus*, esta garantia encheu-me de alegria, fez-me suportar pacientemente o exílio da vida...” (Ms A 80vº).

Ela pôde ter sido muito bem preservada do pecado, contudo, isso não a impediu de descobrir uma miséria e fraqueza muito mais profunda que a miséria moral, aquela que se chama “miséria ontológica” ou existencial, que é a carência de ser. Teresa viu-se “reduzida a nada”, como tinha pedido. Nisto foi assaltada pelas mais “espessas trevas”. Dêmos-lhe a palavra: “Parece-me que as trevas, servindo-se da voz dos pecadores, me dizem, fazendo troça de mim: — «Sonhas com a luz, com uma pátria inundada dos mais suaves perfumes..., sonhas com a posse *eterna* do Criador de todas estas maravilhas..., pensas sair um dia dos nevoeiros que te rodeiam... Continua! Continua! Alegra-te com a morte, que te dará, não o que tu esperas, mas uma noite mais profunda ainda, a noite do nada» (Ms C 6v).

Teresa, embora se encontre sentada à mesa dos incrédulos e pecadores, não desespera. Aqui experimenta profundamente a misericórdia de Deus e a ela apela, em nome dela e dos seus irmãos: “Tende piedade de nós, Senhor, porque somos pobres pecadores!... Oh! Senhor, despedi nos justificados! Que todos aqueles que não foram iluminados pelo resplandecente fecho da fé, o vejam finalmente brilhar. Ó Jesus, se é preciso que a mesa manchada por eles seja purificada por uma alma que Vos ama, quero aí comer sozinha o pão da provação, até que Vos agrade introduzir-me no vosso reino luminoso. A única graça que Vos peço, é a



de nunca Vos ofender!...” (Ms C 6r). Teresa continua a confiar na misericórdia. Esta confiança não só implica fé no poder de Deus, mas também na sua fidelidade e benevolência.

A confiança ocupa o lugar central na “pequena doutrina” de Teresa. A confiança na misericórdia é a fonte mais profunda onde bebe. Ela tem uma esperança cega na misericórdia de Deus (CT 197). Teresa resume tudo nestas frases: “Só a confiança e nada mais do que a confiança tem de conduzir-nos ao Amor” (CT 197); “O meu caminho é todo ele de confiança e amor” (CT 226). Confiança apesar de tudo. Quanto mais pecador o homem se sentir mais motivos tem para confiar. Teresa encontra-se no fim da vida e confia a sua irmã, a Madre Inês: “Não é porque Deus, na sua previdente misericórdia, preservou a minha alma do pecado mortal, que me elevou para ele pela confiança e pelo amor” (Ms C 36vº e 37rº). E pede a sua irmã para escrever, uma vez que ela já não o pode fazer: “Ainda que tivesse cometido todos os crimes possíveis, mesmo assim teria sempre a mesma confiança: sinto que toda essa multidão de ofensas seria como uma gota de água lançada num braseiro ardente” (CA 11.7)

Ao P. Bellière escreve: perante “os abismos de amor e de misericórdia do coração de Jesus” há que comportar-se com “amo-

rosa audácia” e com “uma confiança totalmente filial” (CT 247); “o caminho da confiança simples e amorosa é bem indicado para vós” (CT 261).

Esta confiança na misericórdia de Deus leva-a a abandonar-se totalmente nas suas mãos. Teresa tinha muitos desejos; desejava o sofrimento, morrer nova, etc. À medida que a misericórdia se vai manifestando na sua vida, ela vai perdendo todos esses desejos, até ficar num total abandono nas mãos de Deus: “Também já não desejo o sofrimento, nem a morte, e apesar de tudo amo-os ambos, mas é o *amor* que me atrai... Desejei-os por muito tempo; possuí o sofrimento e julguei abordar a praia do Céu, julguei que a florzinha seria colhida na sua primavera... agora é só o abandono que me guia, não tenho outra bússola!...” (Ms A 83r).

Teresa encontra-se numa fase muito crítica da sua vida: gravemente doente e com 24 anos. Dirigindo-se à Madre Inês diz-lhe que é muito triste para ela e para a comunidade ter a seu cargo uma jovem religiosa doente. Então começa com a sua irmã uma novena a N^a S^a das Vitórias pedindo que a curasse ou então a levasse para o Céu. Resultado da novena: “agora aceito continuar doente toda a vida se isso agrada a Deus e consinto mesmo que a vida seja muito longa, a única graça que desejo, é que ela acabe por amor” (Ms C 8r).

Teresa diz-nos que o Senhor se deliciaria ao encontrar almas abandonadas à sua misericórdia: “Ó Jesus! Bem posso dizer a todas as *pequeninas* almas quanto é inefável a tua condescendência... sinto que se por impossível encontrasses uma alma mais fraca, mas pequena do que a minha, te deliciarías a cumulá-la de favores ainda maiores, se ela se abandonasse com inteira confiança à tua misericórdia infinita. Mas porque desejar comunicar os teus segredos de amor, ó Jesus, não foste acaso unicamente tu quem nos ensinou e não poderás também revelá-los a outros?... Sim bem o sei, e rogo-te que o faças, peço-te que baixes o teu olhar divino sobre grande número de *pequenas* almas... Peço-te que

escolhas uma legião de *pequeninas* vítimas dignas do teu AMOR!...” (Ms C 5v).

A confiança amorosa e o abandono constituem a disposição radical da espiritualidade teresiana: “Jesus compraz-se em mostrar-me o caminho que conduz a essa fornalha divina; o caminho é o abandono da criancinha que adormece sem medo nos braços do seu pai...” (Ms B1r). A virtude teologal da esperança cresce até ao infinito. Por isso Teresa pode dizer: “Nunca se terá demais confiança em Deus, tão poderoso e tão misericordioso. Alcança-se d’Ele quanto se espera”.

Isto não é quietismo, pois Teresa propõe-se afirmar unicamente a importância fundamental e primordial da confiança para atrair o Amor misericordioso, sem negar a necessidade das obras. Amor misericordioso que quer amar, dar e fazer bem. Mas isto só será possível se houver pessoas dispostas a receber: “O mérito não consiste em fazer nem em dar muito, mas antes em receber, em amar muito... Diz-se que é muito mais agradável dar do que receber, e é verdade, mas quando Jesus quer reservar para Ele a doçura de dar, não seria delicado recusar” (CT 142).

A prática da confiança e do abandono leva consigo uma verdadeira ascese de heroísmo. Por abandono não podemos entender formas de vida mais ou menos subtis dum deixar correr ou demissão da nossa parte. Isto seria trair o Evangelho e o desígnio de Teresa do Menino Jesus. Abandono consiste

numa atitude confiante e pacificada dum amor total.

O abandono na espiritualidade teresiana não é uma virtude mas um conjunto de virtudes. No abandono nós encontramos um conjunto de acções da mais perfeita fé, da mais inteira e abandonada esperança e do mais puro e fiel amor. O abandono é como uma certa mistura de fé, esperança e caridade num só acto que une o coração a Deus e à sua divina acção. O abandono é como a “virtude das virtudes”, a nata da caridade, o perfume da humildade, o mérito da paciência e o *fiat* da perseverança.

P. Jeremias Carlos Vechina ocd



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: P. Pedro Lourenço Ferreira * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Rua de Nossa Senhora do Carmo, 2 – Moita Redonda – 2495-423 Fátima Tel. 249 531 210 * jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt